



A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA EM ADORNO E O CLIMA CULTURAL ANTIDEMOCRÁTICO BRASILEIRO

THE AUTHORITARIAN PERSONALITY IN ADORNO AND THE BRAZILIAN ANTI-DEMOCRATIC CULTURAL CLIMATE

Manoel Messias Rodrigues Lopes **1**

Suely Lima de Assis Pinto **2**

Resumo: Este texto projeta-se a partir do atual contexto de recrudescimento de autoritarismo e antidemocracia e tem como objetivo refletir a formação de um clima cultural antidemocrático e como os indivíduos em uma sociedade democrática sentem-se confortáveis para manifestar as suas tendências fascistas. A partir dos conceitos e atualidades de Adorno (2019), visamos deixar o mais claro possível para os nossos leitores que o atual contexto, de ataques às instituições democráticas, é forjado e legitimado em um clima cultural específico e favorável as declarações antidemocráticas. Ao fim, enfatizamos a importância de um olhar cauteloso para o atual contexto político e cultural do Brasil, no qual as manifestações antidemocráticas como as ações de violências deliberadas contra grupos minoritários passam por um processo de recrudescimento.

Palavras-chave: Personalidade Autoritária. Propaganda Antidemocrática. Psicologia de Massa. Fascismo.

Abstract: This text is designed from the current context of resurgence of authoritarianism and anti-democracy and aims to reflect the formation of an anti-democratic cultural climate and how individuals in a democratic society feel comfortable expressing their fascist tendencies. Based on Adorno's (2019) concepts and actualities, we aim to make it as clear as possible to our readers how the current context of attacks on democratic institutions is forged and legitimized in specific cultural climate favorable to anti-democratic statements. Finally, we emphasize the importance of a cautious look at the current political and cultural context in Brazil, in which anti-democratic manifestations such as deliberate acts of violence against minority groups are undergoing a process of resurgence.

Keywords: Authoritarian Personality. Anti-democratic Propaganda. Mass Psychology. Fascism.

-
- 1** Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Jataí (UFJ). É professor da Educação Básica na Rede de educação da cidade de Rio Verde – GO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1315528553441058>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9291-4149>. E-mail: manuelmessias071@gmail.com
 - 2** Doutora em História pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora aposentada da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6543855305683456>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0296-7974>. E-mail: suelylima.ufg@gmail.com
- 

Introdução

A pesquisa intitulada “The Authoritarian Personality” foi um estudo realizado por Theodor W. Adorno e colaboradores na década de 1940, e publicada nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1950, cujo objetivo era identificar atitudes, opiniões e valores de caráter autoritário, em indivíduos potencialmente fascistas, inseridos naquela sociedade.

Em um contexto de pós Segunda Guerra (momento no qual o movimento nazista acabara de ser derrotado na Europa), não se encontrava um indivíduo que se declarasse abertamente fascista. Contudo, os resultados da pesquisa, permite-nos compreender, que mesmo em uma sociedade dita democrática¹, existe o potencial fascista: indivíduos que estão inseridos nas estruturas sociais e demonstram atitudes, opiniões e valores preconceituosos de cunho antidemocráticos.

A problemática levantada por Adorno (2019), era encontrar elementos que pudessem responder se as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo formavam um padrão ideológico, os quais expressam tendências de sua personalidade autoritária.

Desse modo, a pesquisa buscou elementos que permitissem responder uma série de perguntas a fim de compreender qual a relação da personalidade autoritária com o preconceito, em especial o antissemitismo, e até que ponto uma sociedade democrática pode sustentar sua democracia. Ou seja, o que, dentro dessa sociedade, vai determinar se ela vai continuar democrática ou se serão desencadeados movimentos antidemocráticos que desestabilizarão sua estrutura, engendrando movimentos políticos sociais semelhantes ao nazismo da Alemanha de 1939.

O autor elenca perguntas como: se um indivíduo potencialmente fascista existe, como ele se apresenta em uma sociedade democrática? O que determina seu pensamento antidemocrático em uma sociedade democrática? Quais são as formas da sua personalidade? Como eles surgem? (ADORNO, 2019).

Pouco mais de 70 anos da publicação original de “The Authoritarian Personality”, observa-se no atual contexto sociocultural uma crescente de movimentos sociais e políticos ligados às ideias análogas ao fascismo, sobretudo, em grupos da extrema direita política. Estes movimentos nos alertam para a atualidade e tendência de um tipo autoritário de sujeito inserido em uma sociedade democrática.

Nesse estudo, evidenciamos para o leitor os principais conceitos debatidos por Adorno (2019), fazendo uma reflexão acerca da tendência desses conceitos na atualidade. O objetivo é refletir sobre como se forma o clima cultural antidemocrático e como os indivíduos em uma sociedade democrática sentem-se confortáveis para manifestar as suas tendências fascistas.

Quanto as ideias autoritárias e fascistas e com as suas experiências no próprio país (Alemanha), Adorno e Horkheimer (1985) alertam para o fato de fora do contexto europeu da segunda guerra e nos ditos países de terceiro mundo estarem surgindo regimes com características, os quais, guardadas as diferenças histórico-culturais, bem como suas particularidades são regimes análogos ao fascismo que emergiu no contexto da segunda guerra na Alemanha. Levando em consideração a famosa frase de Bertolt Brecht “A cadela do fascismo está sempre no cio” de modo a voltarmos para o contexto atual do Brasil, na esteira de identificar elementos no tecido social que possam indicar um movimento político autoritário.

A personalidade autoritária

A preocupação inicial de Adorno (2019) foi com o potencial antidemocrático do indivíduo, suscetível ao conteúdo da propaganda, assim como identificar esse indivíduo inserido na sociedade. Ademais, o autor compreende que conhecer as forças antidemocráticas da sociedade, pode se tornar útil para combater forças de um eminente movimento fascista em uma sociedade ainda democrática: “o conhecimento das forças de personalidade que favorecem sua aceitação pode em

1 Considera-se que mesmo que nos EUA não houvesse um contexto de fascismo implícito, aquela sociedade do período em destaque assim como outras, enfrentava problemas de cunho sociais internos, os quais não dava ao país a marca de democracia plena, como os conflitos de classes, o problema com a violência e a segregação social provocada pelo racismo. Todos esses problemas limitavam ou tiravam direitos de indivíduos na sociedade, como o direito básico a vida e a liberdade.

última instância provar-se útil para combatê-lo” (ADORNO, 2019).

O autor trata da personalidade autoritária como uma totalidade, desta forma, tenta elucidar essa questão sobre duas vias, a via ideológica e a via psicológica. Para ele, ambas se completam em uma relação complexa, inserida em um mundo administrado pelo capital.

As ideologias no indivíduo dependem das suas necessidades subjacentes, em especial, se estas estão sendo satisfeitas ou frustradas na estrutura social. Isso determina o modo como as ideologias serão organizadas no indivíduo potencialmente antidemocrático e como isso pode implicar nas forças de sua personalidade autoritária (ADORNO, 2019).

Tais estudos se debruçam sobre o preconceito contra grupos e indivíduos, sobretudo, o antissemitismo como um preconceito irracional, direcionado contra um grupo. Preconceito este, formulado a partir de estereótipos forjados na escalada do fascismo na Europa em 1939, e culminou na barbárie da Segunda Guerra Mundial.

Sobre o antissemitismo, bem como outras manifestações de preconceito:

[...] é baseado em maior medida em fatores relativos ao sujeito e à sua situação total do que nas características efetivas dos judeus e de que o local para se buscar os determinantes das opiniões e atitudes antissemitas é dentro das pessoas que as expressam (ADORNO, 2019, p. 74).

O antissemitismo, assim como os demais preconceitos contra grupos sociais, faz parte de um amplo quadro ideológico. As “aceitações” das declarações antidemocráticas depende em primeiro grau das necessidades psicológicas do sujeito de personalidade autoritária (ADORNO, 2019).

Adorno (2019) nos revela que o antissemitismo não se trata de um fenômeno isolado referente ao sujeito e no que ele acredita ser sua subjetividade, mas sim um todo amplo como parte de um quadro ideológico formado na sociedade, o qual vai determinar a suscetibilidade do indivíduo às ações.

Essa determinação se dará mediante uma resposta da personalidade autoritária do indivíduo ao clima cultural, justamente por isso a ação de preconceito não pode ser compreendida no objeto vítima da ação, tais como suas características, identidades etc., mas sim no agente dessa ação uma vez que essa é motivada por necessidades que dizem respeito aos seus pensamentos subjacentes.

Há na transgressão da ideologia para a ação, um elemento de extrema importância, o qual nos permite analisar a personalidade do indivíduo não só sob o prisma da psicologia, como muito se tem feito, mas também sobre a perspectiva social: psicossocial.

Para Adorno (2019), as opiniões, atitudes e valores do indivíduo são expressos mais ou menos em palavras, contudo, essas se encontram no campo da superfície de seus pensamentos, e antes de serem expressas passam por uma espécie de filtro no subconsciente do indivíduo. Por outro lado, o autor fala que é necessário que reconheçamos que quando se trata de questões carregadas de afeto e delicada no tecido social, o indivíduo de personalidade autoritária vai ter pensamentos subjacentes que não vai expressar em palavras.

Nesses casos, haverá uma discrepância entre o que o indivíduo expressa abertamente em palavras no contexto social, e o que ele guarda nos seus pensamentos e/ ou só fala quando encontra-se juntos dos seus pares. Isto, para Adorno (2019), está ligado ao clima cultural geral, isto é, o modo como as estruturas sociais são organizadas vai determinar a ação do indivíduo. É aqui, segundo o autor, que repousa o potencial antidemocrático e os determinantes para transformar ou não a ideologia em ação.

Deve-se reconhecer, no entanto, que o indivíduo pode ter pensamentos “secretos” que, se puder evitá-lo, não revelará em nenhuma circunstância; ele pode ter pensamentos que não pode admitir para si mesmo e pode ter pensamentos que não expressa porque são tão vagos e mal formulados que não pode coloca-los em palavras. Ter acesso a essas tendências mais profundas é particularmente importante, pois é precisamente aqui que pode repousar o potencial do indivíduo para o pensamento e ação antidemocráticos ou

antidemocráticos em situações cruciais (ADORNO, 2019, p. 76).

Na ideia de clima cultural, o autor trabalha outro conceito imprescindível para compreendermos o campo da potencialidade do indivíduo: a propaganda antidemocrática. Essa é a principal fomentadora do clima cultural de uma sociedade. Isso nos permite fazer uma análise a partir do seu aumento e o atual contexto de violência, provocado pelo clima cultural e político no Brasil nos últimos anos.

Recentemente presenciamos um clima, cujas declarações abertamente antidemocráticas são proferidas por líderes políticos da extrema direita, e reproduzidas por suas audiências no tecido social, sobretudo no ambiente virtual, culminando na violência contra indivíduos e grupos sociais e as instituições democráticas.

Se a propaganda antidemocrática, aumenta em volume e entonação de modo a disseminar nas massas sua ideologia, ao ponto de fomentar um clima cultural favorável às manifestações antidemocráticas, podemos deduzir que haverá no tecido social indivíduos que a aceitarão e reproduzirão em diferentes graus, expressando em ações suas tendências antidemocráticas.

Mais uma vez, encontra-se nesses conceitos trabalhados pelo autor, a ideia de potencialidade, ou seja, o que vai levar a ideologia a se transformar em ação. O que o indivíduo pensa, e se ele vai transformar seus pensamentos em ação, depende das relações sociais e o momento histórico da sociedade. Considera-se ainda que há uma grande variedade quanto ao nível de prontidão para transformar a ideologia em ação (ADORNO, 2019).

Quando se fala em personalidade, Adorno (2019) indica que essa é uma organização das formas mais ou menos duradoras subjacentes no indivíduo. Personalidade e comportamento não se confundem. A personalidade se encontra entremeada ao comportamento e está arraigada no indivíduo, não podendo ser determinada a partir do comportamento, uma vez que este, antes de condizer com as necessidades da personalidade, deve se adequar ao clima cultural.

Desse modo, para autor, as forças da personalidade não são respostas, mas prontidão para uma resposta. “As forças de personalidade que se encontram inibidas estão em um nível mais profundo do que aquelas que imediata e consistentemente se expressam em comportamento explícito” (ADORNO, 2019, p. 79).

As forças da personalidade são primeiramente necessidades do indivíduo, ela é desse modo, uma organização de necessidades, que é desenvolvida, mediante implicações do meio social. Destarte, as mudanças nas estruturas sociais e nos seus elementos, podem implicar no modo como as forças da personalidade do indivíduo serão organizadas dentro dele.

[...] a personalidade é principalmente um potencial; é uma prontidão para o comportamento, em vez de ser o próprio comportamento; embora ela consista em disposições para comportar-se de certas formas, o comportamento que de fato ocorrerá dependerá sempre da situação objetiva (ADORNO, 2019, p. 82-83).

Nesse sentido, a propaganda antidemocrática pode ser encarada como um meio de enrijecer as forças da personalidade autoritária no indivíduo, de modo que a sua disseminação nas massas sociais alcance os potenciais consumidores dos seus conteúdos. Os quais são discursos de ódio e medo contra os grupos que vão contra os interesses dos dominantes, são os que Adorno (2019) chama de inimigos imaginários.

Os inimigos imaginários são aqueles grupos que contradizem os interesses e ideologias do grupo dominante. Desse modo, o preconceito é transmitido para um objeto de modo irracional, e é construído mediante as marcas estereotipadas que são disseminadas no conteúdo da propaganda antidemocrática. Estas são ideias pré-concebidas, que servem para implantar no tecido social o medo e o temor contra os grupos minoritários *outgroup*. A este grupo é direcionado um poder inexistente.

Analisando esse pensamento a partir do que vivenciamos no atual contexto, podemos analisar os discursos que surgem no tecido social direcionado a uma série de grupos sociais considerados minorias, no atual contexto do Brasil (2024) os/as LGBTQIA+, militantes, negros/as,

indígenas, trabalhadores do Movimento sem Terra, defensores dos direitos humanos, ambientalistas e cientistas, os quais são categorizados em um único grupo: comunistas. São grupos que defendem ideias democráticas, e passaram a ser nos últimos anos vítimas dos conteúdos da propaganda antidemocrática que assolam nosso país.

Todos esses grupos defendem uma visão de sociedade que contrariam os interesses dos grupos dominantes do capital que se encontram no poder, mediante uma força da extrema direita que surge no cenário político e cultural do país com grande apelo social. Um dos meios, pelo qual o grupo dominante tenta eliminar esses grupos e suas ideologias é mediante o uso do conteúdo de uma propaganda antidemocrática. A qual por meio de dispositivos de comunicação em massa é disseminada amplamente pela sociedade, difundido discursos, e marcas estereotipadas contra os inimigos imaginários.

Discursos que ouvimos cotidianamente em algum meio de divulgação, sobretudo, nas mídias digitais: “eles vão acabar com nossos costumes, com nossos valores éticos e cristãos, com a nossa família, com nosso país”. Entre outras narrativas que são direcionados a estes “inimigos”, com o objetivo de provocar o temor social, que culmina na violência e extermínio física e simbólica desses grupos.

Esse determinante pode ser chamado de nosso clima cultural geral e, mais particularmente, da influência ideológica da maioria dos meios de comunicação sobre as pessoas para moldar a opinião pública. Se nosso clima cultural foi padronizado sob o impacto do controle social e da concentração tecnológica em uma extensão nunca antes conhecida, podemos esperar que os hábitos de pensamento dos indivíduos reflitam essa padronização, assim como ocorre com a dinâmica de suas próprias personalidades (ADORNO, 2019, p. 339).

Uma das indagações feitas por Adorno (2019), é de que forma a propaganda antidemocrática aumenta em entonação e volume ao ponto de mudar o clima cultural geral de uma sociedade, e como ela se organiza nessa sociedade ainda democrática. Para o autor, a resposta a essa questão não pode ser encontrada na personalidade isolada de um indivíduo, mas sim nas estruturas sociais, sobretudo, nas relações dos sistemas políticos e econômicos dos grupos dominantes.

Nos seus estudos sobre a personalidade autoritária, Adorno (2019) não centra muita energia na produção da propaganda. Sua atenção é direcionada primordialmente para o potencial consumidor, a quem essa propaganda é direcionada. A propaganda antidemocrática é produzida de modo que seu conteúdo transmita para o indivíduo a ideologia do grupo dominante, para que este consumidor, não só a consuma, mas a reproduza, e, sobretudo, acredite que ela defende seus interesses e de seu grupo.

Desse modo, a adesão à propaganda antidemocrática acontece por duas vias. A via situacional, isto é, a organização social mediante fatores políticos e econômicos dos grupos dominantes e a via da personalidade, essa ligada às necessidades que leva o indivíduo autoritário a se identificar com o grupo dominante e defender seus interesses, ainda que na realidade não sejam os seus (ADORNO, 2019).

O clima cultural antidemocrático analisado sob a ótica da psicologia de massa

O conteúdo da propaganda antidemocrática visa manipular por vias psicológicas o sujeito, fazendo assim, apelo às suas necessidades subjacentes, mediante mensagens subliminares na propaganda. Essas necessidades subjacentes, como o nome já diz, encontram-se em um campo inconsciente em seus pensamentos. O objetivo da propaganda é atingir esse campo e despertar no indivíduo seu potencial antidemocrático. Desta forma, a propaganda não exprime argumentos em seus conteúdos, mas sim uma espécie de estímulos psicológicos. (ADORNO, 2015).

Para Adorno (2015), além dos dispositivos de comunicação em massa, a propaganda

antidemocrática tem um alicerce na figura do agitador fascista. Este é o responsável por despertar nas massas os sentimentos de aversão à uma democracia, e sua importância está no fato dele falar diretamente à sua audiência e/ou uma audiência em potencial.

Os agitadores fascistas usam de suas plataformas, geralmente com significativa notoriedade social, para proferir discursos da propaganda antidemocrática direcionada aos seus consumidores e aqueles consumidores em potencial. Em geral, seus discursos exaltam um patriotismo, os valores cristãos e expressam historicamente frases de efeitos que fazem ebulir as massas.

Adorno (2015) alerta para a importância de identificar no tecido social as pequenas manifestações que surgem dos agitadores fascistas. Diante disso, podemos analisar nosso contexto social, no qual nos parece que alguns agitadores fascistas em diferentes setores sociais emergiram de alguns anos para cá. Um caso mais evidente que vai ao encontro do que nos revela Adorno (2015), apesar das diferenças históricas de contextos e das particularidades dos agitadores fascistas do século passado, é a ascensão política de Jair Bolsonaro, eleito Presidente da República do Brasil no pleito de 2018, e o segundo colocando no pleito de 2022, com uma margem expressiva de votos, em dois pleitos marcados pela polarização social diante de duas vertentes ideológicas divergentes.

Adorno (2015), ao se referir aos demagogos fascistas da Costa Oeste dos EUA, chama atenção para a questão das diferenças de contextos históricos, que se faz necessário quando analisamos líderes de movimentos autoritário em contextos atuais.

Em contraste com a Alemanha, a ideologia democrática neste país desenvolveu certos tabus cuja violação poderia ameaçar as pessoas que se engajam em atividades subversivas. Assim, por razões de censura política e tática psicológicas, o demagogo fascista aqui está muito mais restrito quanto ao que pode dizer (ADORNO, 2015, p. 141).

Desse modo, se analisarmos a plataforma política de Jair Bolsonaro, quando na figura de candidato nos dois pleitos e na figura de chefe do executivo durante o período de 2019 a 2022, veremos que seus discursos se assemelhavam com as expressões abertas de fascismo apontado por Adorno (2019). Ademais, enquanto pessoa representante do executivo, Bolsonaro parecia acumular todas as características de um agitador fascista pesquisadas pelo autor. Talvez uma das características mais imediatas do ex-presidente com os agitadores fascistas do século passado seja a exibição de lemas com efeito moral como: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e “Deus, pátria e família”, exaltando um patriotismo e valores cristãos.

Outra característica acerca do agitador fascista é a capacidade que ele tem de criar as narrativas, geralmente fictícias direcionadas aos seus “inimigos”, e, sobretudo, a capacidade que ele tem de passar essas narrativas como uma verdade, fazendo sua audiência internalizá-las e reproduzi-las às massas.

Constantemente se contam histórias escandalosas, a maioria fictícias, particularmente de excessos sexuais e atrocidades; a indignação com a obscenidade e a crueldade nada mais é, entretanto, do que uma fina racionalização, propositalmente transparente, do prazer que essas histórias proporcionam ao ouvinte (ADORNO, 2015, p. 140).

Adorno (2015), na busca por entender a suscetibilidade dos indivíduos em uma sociedade democrática à propaganda antidemocrática, busca na teoria freudiana elementos da psicologia de massa, que permitam elucidar os fatores psicológicos correlacionados aos sociais que culminam para essa suscetibilidade.

Para o autor, fazia-se necessário uma explicação de como os movimentos antidemocráticos se tornavam verdadeiros fenômenos de massa, com grande apelo social, não só por uma vertente dos estudos sociais, mas também sobre uma vertente psicológica, em especial no que Le Bon *apud* Freud (2011) explica sobre psicologia social ou de massa.

Adorno (2015), apoiado na teoria freudiana, chega à conclusão de que os elementos psicológicos do indivíduo não causam o movimento antidemocrático, mas estes são explorados de forma organizada por diferentes dispositivos sociais, de modo que o potencial antidemocrático do

indivíduo seja despertado. Um desses dispositivos, e o qual o autor debruça-se para explicar, é a propaganda antidemocrática.

Disposições psicológicas, na verdade não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesses próprio completamente não psicológicas (ADORNO, 2015, p. 186).

É nesse processo que, para Adorno (2015), destaca-se a figura do agitador fascista, aquele indivíduo inserido em uma sociedade democrática, que profere discursos atacando as instituições democráticas, discursos esses que são direcionados às suas audiências ou às audiências em potenciais.

Deste modo, os discursos dos agitadores fascistas visam explorar uma atmosfera agressiva, emocional e irracional no indivíduo, com o objetivo de despertar neste, ações hostis e destrutivas contra as estruturas democráticas. Estas ações destrutivas, de acordo com Freud (1997), dizem respeito a uma maldade que é inata ao ser humano. O conteúdo dos discursos do agitador, em outras palavras, visa atizar sua audiência – real ou em potencial – tendentes a reproduzir ações preconceituosas e violentas contra indivíduos que ele considera seus inimigos (ADORNO, 2015).

A partir desta constatação, dos estudos freudianos e diferindo do que muito se defende, o autor fala que a propaganda antidemocrática é pelo menos na sua estrutura organizacional, racional. A aparente irracionalidade é na verdade uma irracionalidade aplicada, uma vez que a sua organização forma um padrão estrutural, cuja cada palavra expressada é determinada por um sistema social, o qual é direcionado para os fatores psicológicos das massas (ADORNO, 2015).

Nessa perspectiva, Adorno (2015) chama atenção para o sistema psicológico no processo da propaganda antidemocrática. O autor aponta para a importância de se compreender a atuação do agitador fascista, mediante o uso da psicologia de massa. Foi a partir desses elementos e das questões que deles originaram que, para Adorno (2015), não podemos nos furtar de buscar na teoria freudiana elucidações, para que se evite uma compreensão limitada e/ou deturpada acerca da propaganda antidemocrática.

Deste modo, passou a estudar os elementos da psicologia de massa imbricados no conteúdo da propaganda antidemocrática, e, sobretudo, como esta interfere no grau de recepção do indivíduo consumidor da propaganda, o que, para Adorno (2019), é o indivíduo de personalidade autoritária.

Alma coletiva: a formação da massa

Os indivíduos inseridos em um grupo de massa parecem estarem ligados de forma a compartilhar ideologicamente seus pensamentos. Eles estão ligados a uma unidade, e parece haver algo que os une entre si. Esse algo, para Freud (2011), é o que vai determinar as características das massas.

Freud (1997), aponta que os indivíduos são ligados às massas por um vínculo, sendo esses elementos psicológicos. Já para Adorno (2019), os elementos psicológicos se encontram subjacentes às necessidades da personalidade autoritária do indivíduo, que o faz suscetível a propaganda antidemocrática. Podemos concluir com os autores que os atos do indivíduo de massa são orientados por elementos psicológicos ocultos, que devido ao clima cultural são aflorados e ligados aos instintos do indivíduo.

Freud (2011) fala que o indivíduo de massa forma um padrão mediano, todavia, de acordo com Le Bon *apud* Freud (2011), podem surgir novas características nesse indivíduo, conforme ele vai sendo inserido na massa, o autor busca razão para isso em três elementos diferentes.

O primeiro é que o indivíduo inserido na massa social adquire um sentimento de poder, pelo simples fato dos elevados números de semelhantes a ele. Além disso, por ser uma quantidade em massa, há uma ideia de anonimidade em relação a identificação do indivíduo em específico, fazendo desaparecer um sentimento de responsabilidade, o qual em outras situações inibi as pulsões instintivas do indivíduo.

O segundo é a capacidade de contágio mental, a qual possibilita as manifestações de

características e fenômenos de ordem hipnótica. Nas massas, todo sentimento é contagioso ao ponto de o indivíduo abdicar de seus próprios interesses em prol dos interesses de um grupo, imergindo assim em uma realidade própria e alheia ao mundo real.

O terceiro são as características especiais dos indivíduos das massas, uma delas e que Le Bon *apud* Freud (2011), dá maior atenção: a sugestibilidade. De acordo com o autor, o indivíduo perde a sua personalidade para obedecer a todas as sugestões do operador que lhe fez perder a personalidade, agindo de modo contrário a seu caráter e costumes.

A ideia de sugestão, segundo Le Bon *apud* Freud (2011), é a mesma para todos os indivíduos das massas, o que contribui tanto para o êxito quanto para a reciprocidade. A sugestão tem um papel decisivo em determinar se o indivíduo vai transgredir do campo da ideologia para a ação, o que Adorno (2019) considera a partir da noção de potencialidade.

Adorno (2015), quando se vale da teoria freudiana, visa elucidar elementos que possibilitem compreender, por que um indivíduo inserido em uma sociedade moderna e tecnológica retoma padrões que contradizem a essa sociedade. Estes padrões são o que Freud (1997) considera o retorno do indivíduo à uma mentalidade arcaica, sendo essa ligada aos instintos humanos mais rudimentares.

Freud (1997) afirma que as origens e causas do sofrimento, insatisfação do indivíduo são atribuídos ao desenvolvimento da civilização. Para o autor, o sistema repressivo da sociedade inibe no indivíduo suas necessidades ligadas às forças instintivas, as quais proporcionam o mais forte sentimento de prazer e felicidade no sujeito. Isso culmina para que o indivíduo sintam-se acuado e desenvolva pensamentos hostis contra a sua civilização.

O progresso, na visão do autor, proporciona só um prazer momentâneo, o qual é condicionado a vários elementos do mundo externo, portanto um “prazer barato”, o que gera uma revolta do indivíduo contra a civilização.

O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições. O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização. O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral (FREUD, 1997, p. 50).

As massas fascistas são unidas a partir de um vínculo, o qual está ligado aos elementos sociais e psicológicos. É este vínculo que a psicologia de massa tenta desvelar para elucidar a suscetibilidade do indivíduo aos movimentos antidemocráticos.

Contudo, não só a psicologia de massa parece entender o potencial deste vínculo. Os agitadores fascistas se apropriam do mesmo, ainda que de forma não articulada, para estabelecer uma comunicação entre os grupos sociais, e assim obter seu apoio em defesa dos seus objetivos. Este vínculo pode ser compreendido a partir de Adorno (2019) como a ideia de sentimento de aversão ao “inimigo imaginário” das massas, os quais são os grupos minoritários, cuja ideologia é conflitante com os interesses dos grupos dominantes.

Estes grupos dominantes propagam discursos e narrativas direcionados às massas contra os minoritários, seus inimigos reais, no sentido de ir contra seus interesses. As massas, por sua vez, consomem essa propaganda e internalizam seu conteúdo, desenvolvendo contra esses grupos uma aversão, uma vez que fazem deles os seus próprios “inimigos”.

[...] equivale a uma exposição do problema fundamental da manipulação fascista, pois o demagogo fascista, que precisa angariar o apoio de milhões de pessoas para objetivos altamente incompatíveis com o seu próprio auto interesse racional, somente pode fazê-lo ao criar artificialmente o *vínculo* que Freud está procurando (ADORNO, 2015, p. 159).

A partir de Freud (1997), compreende-se que o indivíduo insatisfeito com a civilização vai desenvolver ações hostis contra ela, e à medida em que é hostil contra sua civilização, libera seus impulsos instintivos que estavam adormecidos, causando-lhe o prazer e felicidade que tanto buscava.

Com Adorno (2015), compreendemos que a propaganda antidemocrática, fomenta o clima favorável as impulsões instintivas do indivíduo, dando-lhe o prazer que lhe é negado na civilização, ao consumir o seu conteúdo autoritário, esse indivíduo, tendo suas necessidades atendidas pelo conteúdo da propaganda, vai tornar-se sua audiência, isto é, vai aderir a ideologia das massas antidemocráticas.

De acordo com Freud *apud* Adorno (2015), o encantamento das massas pelo conteúdo da propaganda antidemocrática não diz respeito ao despertar de uma nova característica no indivíduo, mas sim a manifestação de uma antiga que estava oculta em seus pensamentos. Há nessas características traços de uma mentalidade arcaica.

Nesse ponto, encontra-se a ideia das forças da personalidade autoritária explicada por Adorno (2019). Para o autor, o indivíduo de personalidade autoritária tem, subjacente aos seus pensamentos, forças destrutivas às estruturas democráticas. Estas forças são inibidas pelo contexto social que promove um clima cultural desfavorável às manifestações antidemocráticas. Nesse sentido, a propaganda antidemocrática se encarrega de contornar esse clima, isto é, deixá-lo favorável a essas manifestações, fazendo emergir as forças da personalidade autoritária nas ações sociais dos indivíduos.

Adorno (2015) também se apropria da teoria freudiana para explicar a partir dos elementos psicológicos as relações entre *ingroup* e *outgroup* – o grupo interno, amado e desejado e o grupo externo, odiado e indesejado. Essa discussão permite analisar criticamente por que os indivíduos tendem a amar quem se parece com ele e odiar quem se difere dele, e quais as implicações disso nas relações sociais (ADORNO, 2015).

Para as relações sociais, essa questão demonstra perigo quando a aversão ao *outgroup* transgrede o campo de não aceitar, ser intolerante, e o indivíduo antidemocrático demonstre comportamentos arcaicos, hostis e destrutivos contra o outro diferente do eu. Este pode ter impulsos instintivos e destrutivo contra o outro, inclusive o desejo por eliminá-lo.

De acordo com Freud (1997), a maior fonte de sofrimento e desprazer para o indivíduo em uma civilização é a imposição de convivência com os diferentes que se impõe ao indivíduo. Ele tem que se relacionar socialmente e/ou afetivamente com outros seres humanos, o que pressupõem uma relação com as diversidades.

Uma das questões pesquisada por Adorno (2015) era compreender como os agitadores fascistas rudes, desinformados e com conhecimentos limitados e triviais, podem utilizar das técnicas de uma psicologia de massa para conquistar o apoio social?

A verdade, nos revela o autor, é que eles não podem. Dificilmente conseguem finalizar um raciocínio em seus discursos rasos e toscos, contudo, eles têm astúcia suficiente para jogar o jogo político e falar de modo claro às suas audiências. Os elementos psicológicos que estão imbricados no conteúdo da propaganda antidemocrática, que assim como os agitadores é mais um dispositivo social a serviço dos movimentos autoritários, e ambos são controlados por um sistema maior.

[...] a fazer uso racional de sua irracionalidade, de forma semelhante ao ator ou a certo tipo de jornalista, que sabe como vender suas instabilidades nervosas e sensibilidade. Sem saber disso, ele é assim capaz de falar e agir de acordo com a teoria psicológica pela simples razão de que a teoria psicológica é verdadeira. Tudo o que ele precisa fazer para a // psicologia de sua audiência funcionar é explorar astuciosamente sua própria psicologia (ADORNO, 2015, p. 182).

Em uma sociedade administrada, esse agitador apesar de muito popular e notório é só mais um dispositivo a serviço do sistema capitalista que controla as estruturas sociais e a propaganda antidemocrática. Nesse sentido, Adorno (2019) nos revela que o que vai determinar se uma sociedade vai continuar democrática, ou se vai desenvolver mecanismos que atacam as

instituições democráticas, é o sistema político e econômico que a rege.

O papel da propaganda antidemocrática é capturar os potenciais consumidores dos conteúdos autoritários. Tarefa esta que é facilitada quando ela sabe quais elementos psicológicos explorar e quando ela já tem no tecido social uma massa de audiência, disposta não só a consumir, mas a reproduzir seus conteúdos. O motor para essas massas são as insatisfações, racionais e/ou irracionais, que os indivíduos têm com a sociedade democrática, isto é, a sociedade não atendeu suas necessidades subjacentes. O efeito de tudo isso é a construção de um clima cultural favorável às manifestações antidemocráticas.

Democracia em vertigem: o clima cultural antidemocrático brasileiro

Nos interessou neste trabalho analisar o atual contexto do Brasil, sobretudo após o rompimento com as instituições democrática que vem ocorrendo nos últimos anos, e com a ascensão de Jair Bolsonaro² como líder dos movimentos de extrema direita e o agitador das massas bolsonaristas. Ascensão esta que começa com o espaço de notoriedade nos meios de comunicação, na qual disseminava o preconceito contra os grupos de minoria social, mediante os discursos proferidos às suas audiências, fazendo assim com que os indivíduos internalizassem tais discursos o os reproduzissem no tecido social.

A partir das análises dos conceitos debatidos por Adorno (2015, 2019), compreendemos que a ascensão de Jair Bolsonaro se deu mediante o seu desempenho no papel de agitador fascista. Os seus discursos direcionados às suas audiências eram verdadeiras expressões preconceituosas, referente às minorias sociais, étnicas, de gênero, sexuais, religião etc. Era difícil não perceber manifestações de preconceito em seus pronunciamentos. Em suas falas, enfatizava o perigo dos “inimigos” da pátria: os/as/es militantes dos movimentos sociais, intelectuais, artistas, professores, cientistas e pesquisadores, dentre outros.

Contudo, Jair Bolsonaro não foi um acontecido. De acordo com Neto (2020), esse clima vem sendo construído pouco tempo depois da redemocratização do país. Vários movimentos de extrema direita tentaram se destacar em um cenário democrático, contudo, sem sucesso. O autor chama esses movimentos acanhados de “direita envergonhada”, uma vez que eles eram os saudosos da ditadura militar. Destacando, que de acordo com Napolitano, (2018), a ditadura militar (1964 – 1985) foi o regime que mais se caracteriza como regime de forças autoritárias, dada o uso excessivo da violência, e a violação dos direitos humanos de forma “institucionalizada” pelo Estado em regime de exceção.

Neto (2020) faz um breve recorte no tempo explicando os principais movimentos da extrema direita até chegar na eleição de Jair Bolsonaro. Passando a parte mais recente deste recorte, o que nos coube nos limites desta pesquisa, a nova direita do Brasil começa a se consolidar com uma oposição aos governos da esquerda progressista do Presidente Luiz Inácio Lula da Sila e da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Embates contra as pautas de políticas sociais promovidas pelos dois governos foram constantes na sociedade, sobretudo, com o governo de Dilma Rousseff. Grupos de oposições se organizavam em grandes manifestações potencializadas pela mídia, que exaustivamente exibia em seus noticiários e boletins.

Outro fator crucial para a ascensão de Jair Bolsonaro foi a formação de bancadas de parlamentares ligados aos movimentos ultraconservadores, conhecidas no debate político como: bancada da bala, bancada ruralista, bancada militar e bancada da bíblia. As quais se elegeram em números expressivos, nas tumultuadas eleições de 2014 e ampliada nas eleições seguintes: 2018 e 2022.

Isso culmina para a guinada da extrema direita, pois agora eles teriam espaço e voz no

2 Não estamos afirmando de forma leviana que Jair Bolsonaro é fascistas e/ou simpatizante desse movimento, tampouco que o atual clima cultural fomentado por seus discursos e ações são também expressões do fascismo, tal como na Alemanha de 1939. Compreendemos que estes são contextos históricos distintos, com suas particularidades sociais, culturais e ideológicas, contudo, os estudos feitos para essa pesquisa, nos permite apontar similaridades entre os dois contextos (Alemanha 1939 e Brasil 2021) podendo perceber semelhanças nos discursos e nas ações de seus líderes, as quais nos permite fazer uma comparação dentro dos limites desta pesquisa.

legislativo e na mídia. Podemos observar que após as eleições de 2014, os discursos antidemocráticos e as manifestações de preconceitos começam a surgir com mais força no tecido social, dando sinal que uma mudança no clima cultural se engendrava na estrutura social.

A crise política e econômica que outrora se instalava no cenário brasileiro intensificou o clima cultural de rompimento com as instituições democráticas, no qual a concretização desse rompimento foi confirmada em 2016 com o Golpe³ de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff eleita no pleito de 2014. Após o Golpe, o clima político do país só decaiu, e cada vez mais os agitadores fascistas tem se encontrado em um terreno fértil a suas declarações antidemocrática. É nesse clima e no auge da crise política que surge a figura de Jair Bolsonaro, como uma promessa para a extrema direita e os programas neoliberais de (des)governo.

Com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil, o clima cultural antidemocrático passa por um processo de recrudescimento, isso em consequências de seus discursos abertamente antidemocráticos contra grupos sociais divergentes e também às instituições democráticas do país.

Ainda que Jair Bolsonaro, a partir do que nos revela Adorno (2015), tenha as características de um agitador fascista, no sentido de reproduzir o conteúdo da propaganda antidemocrática, não podemos de forma leviana afirmar que ele é um simpatizante do fascismo. Pois como diz Adorno (2020), o fascismo não deve ser interpretado à luz de suas aparentes lideranças, nas quais muitas vezes cumprem o papel de porta voz de alguém ou alguma coisa: sistema ou grupo dominante que controlam o clima cultural da sociedade. Nesse caso, quem aparenta ser o líder é só mais uma peça na engrenagem do sistema político econômico, o que nos parece ser o papel de Jair Bolsonaro nesse processo: um animador de festa para o show principal.

Adorno (2020) faz uma alerta às audiências desses discursos de propaganda antidemocrática, assim como as consequências nefastas dos movimentos de extrema direita. O autor fala que as consequências de uma ascensão da extrema direita ao poder conduzirão a sociedade à desgraça, inclusive aqueles indivíduos que apoiaram os movimentos.

Estamos emergidos em um mundo complexo marcado por diferentes dilemas culturais, sociais e políticos, o qual nos exige cada vez mais uma análise crítica desse contexto. Contudo esse mesmo contexto, que é administrado por um sistema articulado, utiliza-se de vários meios para manter os sujeitos sociais em um estado de semiconsciência, isto é, com uma falsa consciência, que impossibilitam lançar alguma luz às questões contemporâneas que por hora se instalam no clima social.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Traduzido por Felipe Catalani. São Paulo; Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Tradução de Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. In ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre a psicologia social e a psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: editora Unesp, 2015, p. 137 – 152.

ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre a psicologia social e a psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: editora Unesp, 2015, p. 153 – 190.

3 Ter isso em mente, por sua vez, acentua a importância do discurso da deputada Benedita da Silva, no dia 15 de abril de 2016, que, entre outras coisas, apontou como a crise política gerada e alimentada pelos opositores do governo tem legitimado discursos e práticas que justificam o aumento do desemprego e as perdas dos direitos trabalhistas, como se isso tivesse que ser feito pelo bem da nação. Não é demais mencionar as dezenas de projetos de lei que tramitam com bastante celeridade no Congresso com esse fim (PINTO, 2016, p. 94).

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1985.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paula César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: a história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2018.

NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, “nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer**, v. 10, n. 24, p. 120-140, jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/2060>. Acesso em: 01 mai. 2021.

PINTO, Ana Flávia Magalhaes. O ódio como marca e a encruzilhada da democracia no Brasil. In MATTOS, H.: BESSONE. T.: MAMIGNOIAN, B. G. **Historiadores pela democracia**: o golpe de 2016 e a força do passado. São Paulo: Alameda, 2016.

Recebido em 20 de abril de 2023.
Aceito em 07 de novembro de 2023.